

O Carnaval institucionalizado no Rio de Janeiro: Programas de Turismo (1932-1935)

PAULA CRESCIULO DE ALMEIDA¹

A partir de 1930 o grupo que assumiu o poder no Brasil estabeleceu um governo que procurou se aproximar da classe trabalhadora. No Distrito Federal, na época o Rio de Janeiro, essa prática fica evidente com Pedro Ernesto no comando da prefeitura da cidade. Além de colocar em prática a política governista, ele foi o dirigente carioca que reconheceu oficialmente o desfile das escolas de samba em 1935.

Os populares não aceitaram a repressão que suas manifestações culturais sofreram no Brasil entre os séculos XIX e início do século XX. Dessa forma, buscaram legitimidade, se aproximando da prefeitura do Rio de Janeiro ao longo dos anos 1930. O objetivo era oficializar o carnaval. O prefeito da cidade precisava de um grupo popular para apoiá-lo, enquanto os homens do samba precisavam que o poder público aceitasse suas manifestações, superando o preconceito.

Após muita luta dos sambistas, o carnaval foi oficializado no Rio de Janeiro em 1932, mesmo ano do primeiro desfile de escolas de samba patrocinado por um jornal. Tornar-se oficial significava entrar para o calendário turístico da cidade e receber ajuda financeira da prefeitura para realizar a festa. Os desfiles das escolas de samba se tornaram oficiais três anos depois, como veremos a seguir. A imprensa carioca retratou esse processo entrevistando o diretor do Touring Club, Luiz Pereira que ficou entusiasmado com “a iniciativa feliz do Sr. Pedro Ernesto”. (JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1932)

O jornal *O Globo*, afirmou que a cidade estava coberta por uma onda de alegria, a população no auge da animação celebrava o “acontecimento mais importante do ano”:

“a oficialização da maior festa popular acarretou, este ano, um maior entusiasmo para os folguedos da folia: Numa época em que se fala de crise, em que as lamurias das descontentes fariam supor um Carnaval menos quente, temos a grande festa cheia de calor e de vida e com muito mais vida. Foi uma ideia feliz, pois, essa de

¹ Mestra em História pela Universidade Federal Fluminense. Título obtido em março de 2013.

proteger o Carnaval pelo poder público”. (O GLOBO, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1932)

União das Escolas de Samba e a oficialização

As escolas de samba surgiram no Rio de Janeiro na década de 1920. Por serem manifestações populares, em sua maioria composta pela população negra, as escolas, num primeiro momento, sofreram preconceitos das elites e das autoridades. Porém, os sambistas se tornam agentes na construção do samba como música nacional chamando atenção da população e dos políticos. Em vários bairros da cidade surgiram agremiações: Mangueira, Vai Como Pode², Unidos da Tijuca e a Deixa Falar. As ruas do centro da cidade eram invadidas pelas festas que as escolas promoviam.

As escolas passaram a organizar festas. Com o tempo essas festas começaram a ocorrer durante o carnaval para divulgarem os sambas que compunham. Os componentes das escolas de samba passaram a desfilar usando as fantasias, que eles mesmos fabricavam, ao som da sua música. Os desfiles se tornaram frequentes na Praça Onze, local de encontro dos sambistas da cidade, durante o carnaval.

Para melhorar o relacionamento das escolas com os órgãos públicos e, ao mesmo tempo, proteger o interesse dos sambistas, os dirigentes das escolas de samba fundaram, em 1934, a União das Escolas de Samba (UES). Começava a institucionalização do carnaval. A partir daí, os desfiles passaram a ser regulados com mais acuidade. Uma escola não mais decidia por conta própria o que faria na Praça Onze. O surgimento da UES aconteceu em meio as negociações para tornar os desfiles de escolas de samba oficiais no Rio de Janeiro. Além de incluir o desfile no programa oficial do carnaval, o prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, também distribuiu folhetos promocionais nos quais as escolas aparecem ao lado de outras atrações carnavalescas para atrair cada vez mais o turismo durante a festa. (FERNANDES, 2001, p.87)

² Nesta época a Escola de samba Potela se chamava Vai Como Pode.

Segundo Cabral, Flávio Costa, presidente da UES, enviou a carta endereçada ao prefeito Pedro Ernesto no dia 30 de janeiro de 1935:

“A União das Escolas de Samba, organização nova, que vem norteando os núcleos onde se cultiva a verdadeira música nacional, imprimindo em suas diretrizes o cunho essencial de brasilidade, para que a nossa máxima festa possa parecer aos olhos dos que nos visitam em todo o esplendor de sua originalidade, amparando mesmo a iniciativa que partiu da Diretoria de Turismo, em tão boa hora criada por V. Excia., de fazer reviver o nosso carnaval externo, que traduz toda a alegria sã dessas aglomerações que atraem a admiração dos turistas, dentro do máximo espírito de ordem, uma vitória que engrandece o povo carioca. (...)” (CABRAL, 1996, p.97,98)

Ao afirmarem que as escolas de samba atraem os turistas eles conseguiram que o Departamento de Turismo os apoie ainda mais. Além disso, defenderam que a União das Escolas de Samba é uma vitória do povo carioca, além de serem representantes dos trabalhadores.

Em seguida, a prefeitura liberou dois contos e quinhentos réis para que a UES dividisse entre as 25 escolas de samba inscritas no concurso, que naquele ano foi promovido pelo jornal *A Nação*. O primeiro carnaval de atuação da UES foi em 1935. As escolas apresentaram o enredo “A vitória do Samba” para comemorar a oficialização dos desfiles (FERNANDES, 2001, p.87), como veremos mais adiante. O jornal *A Nação* publicou em 21 de fevereiro:

“trazem o samba, desde o seu nascimento, nas rodas de batucada, até os vestidos de baile e as casacas, símbolos da alta sociedade. Será este ano a consagração definitiva do samba. E ela vem trazida nos enredos da escola” (SILVA E SANTOS, 1980, p. 84)

O colunista do jornal fez questão de marcar que as escolas de samba utilizavam vestidos de bailes e casacas o que, nas próprias palavras dele, eram os símbolos da alta sociedade. Se a intenção dos sambistas era transformar o samba na música nacional, era preciso acabar com a associação do samba com a malandragem. Ao usarem roupas e acessórios característicos das elites, eles mostravam que o samba poderia ser acessível a todas as classes sócias. A partir da oficialização os membros das escolas acreditavam estarem alcançando setores mais altos da sociedade. A partir disso, poderiam defender os seus valores dentro da sociedade.

Para o primeiro desfile oficial ficou decidido que o tempo seria de 15 minutos para cada escola e elas desfilariam com dois sambas, um na ida e outro na volta da passarela do samba. As escolas maiores não respeitaram muito essa imposição, mas nesse primeiro desfile não foram punidas por não haver ainda um regulamento para essa punição. As cordas que cercavam as escolas serviam para controlar o tempo e não para apressá-las. Interessante notar a importância da comissão julgadora no concurso. Além de não poder conviver com outras pessoas na hora do julgamento, ela só era conhecida no início do campeonato. (SILVA e SANTOS, 1980, p. 75)

Cabral afirma que houve outra reunião na sede do jornal que decidiu proibir os estandartes e os carros alegóricos. Seriam julgados também a originalidade, harmonia, bateria e bandeira. Segundo o autor, a UES tentou transferir os desfiles da Praça Onze para a Avenida Rio Branco, tentativa frustrada já que a reivindicação foi vetada pelo diretor de Turismo, Alfredo Pessoa:

“para os meus amigos das escolas de samba, em quem reconheço uma verdadeira potência, tudo tenho feito e tudo farei, na medida do possível. Quanto ao caso de realizar o seu concurso na Avenida, tenho a impressão de que o mesmo deva ser realizado na Praça Onze, o lugar tradicional do samba, seu verdadeiro reduto, para que não sofra as modificações do ambiente. Porém, não é esta a razão mais forte. Teria prazer, se possível fosse, de proporcionar-lhes o desfile na Avenida. Mas o embaraço que isso causaria no tráfego, justamente no único dia em que é possível a realização do curso, uma das modalidades também interessantes do carnaval carioca, seria tamanho que quase tornaria impossível a sua realização” (CABRAL, 1996, p.100)

O diretor do Departamento de Turismo responde a esse pedido das escolas de samba afirmando reconhecer a potência delas. Ele sugere a permanência dos desfiles na Praça Onze já que o local era o “verdadeiro reduto do samba”. Porém, a Rio Branco era a avenida tomada pelas grandes sociedades e pelos corsos durante o carnaval, ou seja, manifestações das elites cariocas. Apesar da oficialização dos desfiles, as escolas de samba ainda ficaram restritas a algumas partes da cidade. Demorou alguns anos para as agremiações conseguirem desfilarem nela, feito que só foi possível a partir de 1942 quando a Praça Onze foi destruída pelas obras da prefeitura para a construção da Avenida Presidente Vargas.

O primeiro concurso oficial entre escolas de samba ocorreu em 2 de março de 1935, domingo de carnaval, na Praça Onze. A vencedora foi a Portela, ainda chamada de Vai como

Pode, com o enredo “O samba dominando o mundo”. A Mangueira ficou em segundo lugar. Segundo Fernandes, não há como negar que os sambistas obtiveram uma vitória. Mesmo em seu primeiro desfile oficial, os sambistas continuaram a ser os donos de sua festa, decidindo praticamente tudo do que deveria ser celebrado: “com a criação da UES, instituíram uma associação civil para o debate de seus problemas e defesa de seus direitos de expressão.” (FERNANDES, 2001, p. 91)

O Rio de Janeiro e a construção do turismo

No mesmo ano em que foi criada a União das Escolas de Samba, também foram criados o Departamento de Turismo no Distrito Federal e a Comissão de Turismo da prefeitura do Rio de Janeiro (SOIHET, 2008). Os grupos de poder tentavam se aproximar politicamente dos populares. O governo aprofundou o projeto de tornar as escolas de samba atração turística. A Comissão de Turismo ficou responsável pela organização das batalhas de confete nas ruas, dos desfiles de ranchos, dos blocos, das grandes sociedades e dos corsos. Os bailes das elites ocorriam no Teatro Municipal local que a classe dominante frequentava.

Em 1934 o Departamento de Turismo da Prefeitura promoveu o concurso de marchas e sambas da cidade. A fim de estreitar os laços com a imprensa foi convidado para júri deste campeonato um representante de cada jornal diário da cidade, segundo o jornal *O Globo*. (O GLOBO, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1934). O samba vencedor foi “Agora é Cinza” de Alcebiades Barcellos e Armando Vieira Marçal.

Porém, mesmo antes da criação de um departamento especializado no turismo da cidade, o Touring Club já trabalhava para que o Rio de Janeiro atraísse estrangeiros durante o carnaval, principalmente depois da oficialização da festa. Segundo o *O Globo*: “graças a sutileza da visão e do avanço das ideias do nosso actual prefeito, tiveram o mais belo eco no governo do Município as sugestões do Touring Club para que a nossa tradicional festa fosse oficializada e constituísse um elemento precioso de atração ao turismo.” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1932)

Turistas vindos da Europa, Estados Unidos e Argentina além de bem recebidos, eram festejados pela imprensa carioca quando vinham para o Rio de Janeiro passar os dias de folia.



Os jornais noticiavam quase todas as vezes que um navio desembarcava dos portos da cidade trazendo franceses (JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1933), ingleses (A MANHÃ, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1935), americanos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1935), ou argentinos, que inclusive enviaram ao Brasil vários jornalistas em 1935, segundo o jornal *Correio da Manhã*:

“Chegaram ao Rio ontem, especialmente para assistir aos festejos carnavalescos, cerca de quarenta turistas argentinos.

Viajaram no Neptunia e vieram acompanhados do cav. Julio Solvucci, presidente da ‘Entidad Viajes Educativas Sociales’, organização que preparou esta excursão a capital brasileira. (...)

Dentre esses turistas chegados notam-se dois representantes da imprensa argentina. São os jornalistas Armando Del Castilho e Miguel Sans, directores de ‘*La Novela Semanal*’ e ‘*El Suplemento*’ de Buenos Aires.”(CORREIO DA MANHA, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1935)

Após a criação do Departamento de Turismo do Distrito Federal, os esforços da prefeitura em atrair turistas para o Rio de Janeiro aumentaram. Eram produzidos folhetos para serem divulgados em jornais estrangeiros. Para o carnaval de 1935, o superintendente desse Departamento e presidente do Touring Club do Brasil, o Sr. Cerqueira Lima, investiu em propagandas na imprensa norte-americana. Segundo o *Diário de Notícias*, essa atitude fez com que várias pessoas embarcassem para o Brasil “afim de assistir aquelas populares festejos” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1935). Os bailes do Teatro Municipal também eram anunciados como atração turística. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1935)

Em 1935, o Departamento de Turismo se transformou em Diretoria de Turismo e Propaganda. (MOURELLE, 2010, p.165) O carnaval foi utilizado como grande evento para atrair turistas para o Rio de Janeiro. Pedro Ernesto se empenhou tanto em transformar a capital do Brasil, na época, em um centro de turismo que elaborou um calendário turístico que teria início com o carnaval carioca.

Essa atitude do prefeito também explica a oficialização e toda ajuda que ele dava às escolas de samba. Além de aumentar seu apoio popular, ele poderia organizar a festa tornando-a atração turística e ainda lucrar com isso. Por outro lado, os sambistas ficavam satisfeitos com o reconhecimento internacional de suas manifestações. O comércio local também foi favorecido. Lojas, hotéis, restaurantes faturavam muito nos dias de folia.



O incentivo ao turismo durante a festa contribuiu para tornar mais estreita a relação imprensa-sambista-prefeitura. Alguns dias antes do carnaval de 1935 o editorial do jornal *Diário de Notícias* comprova essa afirmação:

“felizmente o Departamento de Turismo, está hoje integrado conscientemente do seu papel, e os homens que se acham a sua frente têm a nítida visão das finalidades a que se destina a importante criação da Municipalidade.

E, não se pode negar que muito de precioso tem produzido o Departamento de Turismo. O dr. Pedro Ernesto, interventor federal no Distrito Federal foi o maior incentivador do Turismo. Com admirável decisão, S. Ex. encarou de frente o magno problema, e de certa forma agiu, tão sabiamente que o entregou a pessoas dedicadas e entendidas, que em pouco tempo os frutos apareceram, coroando a sua obra digna dos maiores louvores.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1935)

No mesmo ano o Centro de Cronistas Carnavalescos promoveu um desfile na Avenida Rio Branco, uma das mais importantes do centro do Rio de Janeiro, em homenagens aos turistas estrangeiros que estavam chegando ao Brasil para o carnaval. Essa foi apenas uma das inúmeras festas promovidas pelo Centro que estavam inseridas no programa oficial de turismo da Municipalidade. (O RADICAL, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1935).

Porém, não era somente o turismo internacional que foi incentivado nesse momento. A prefeitura também se empenhou em realizar propagandas em outros estados brasileiros. Assim como realizou propagandas dentro do estado do Rio de Janeiro, tanto que, em 1935, Alfredo Pessoa, comissário de Propaganda da Diretoria Geral de Turismo recebeu um ofício da Estrada de Ferro Central do Brasil se comprometendo a abater as passagens da ferrovia para quem fosse a cidade assistir os folguedos de carnaval. (JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1935)

A prefeitura do Rio de Janeiro incentivou o turismo também para melhorar a economia da cidade. Os ideais da prefeitura eram atrair investimentos durante os dias de folia, assim como mostrar para o mundo a cultura brasileira e principalmente a carioca, já que o Rio de Janeiro, nessa época já era visto e tratado como a Cidade Maravilhosa.

Em 1935, o jornal *Diário de Notícias* noticiou que a Fox Films filmaria o carnaval no Brasil para divulgar nos Estados Unidos. Segundo o diretor da companhia de cinema, isso

ocorreu devido a iniciativa da prefeitura do Rio de Janeiro em incentivar o turismo internacional para a cidade durante o carnaval. O americano aproveita para elogiar a festa brasileira:

“O Sr. F. Harley, director da Fox Films do Brasil, recebeu-nos getilmente em seu escriptorio.

_ Duas palavras sobre o Carnaval – pedimos ao conhecido cinematographista.

_ Tendo viajado muito e jamais encontrei festa tão brilhante, tão característica como o Carnaval brasileiro. Aqui o povo encontra-se sempre disposto a entregar-se de corpo e alma a sua festa predilecta. (...)

A uma pergunta nossa, o Sr. Harley fala sobre os turistas que visitarão o Brasil.

_ Há na America do Norte o maior interesse no Brasil. Assim sou de opinião que, alem do excellent trabalho da Commissão de Turismo, todas as companhias de navegação deveriam conceder as maiores facilidades para o ugmento das correntes turísticas. Há aqui muito o que mostrar ao estrangeiro, que ficará como nós que aqui vivemos, apaixonados desde logo pelas suas belezas sem par.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 5 de março de 1935).

O entrevistado elogiou a ação da prefeitura do Rio de Janeiro pela ajuda ao organizar o carnaval. Anunciou que durante o baile do Teatro Municipal, um dos bailes de gala mais importantes da cidade, será filmado e divulgado nos Estados Unidos para sua população. É bem possível que o poder público carioca tenha investido nessa filmagem como parte do programa de turismo com a intenção de atrair ainda mais turistas americanos para o carnaval seguinte.

“A organização dada ao carnaval carioca pelas autoridades municipaes augmenta o interesse por uma festa já tradicional. A Fox Films trabalhará grandemente durante os festejos carnavalescos, apanhando os seus operadores os aspectos para um Fox Movietone. O grande baile do Theatro Municipal, de elegância, alegria e bom gosto, será filmado. E despedindo-se:

_ A Fox vae fazer o Carnaval brasileiro percorrer o mundo!” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 5 de março de 1935).

Durante a década de 1930, a prefeitura do Rio de Janeiro não mediu esforços para desenvolver sua politica. Na tentativa de se aproximar das classes populares cada vez mais, a Municipalidade oficializou o carnaval. Além de apoiar as sociedades carnavalescas, concediam ajuda financeira para a organização das festas. Estabelecendo uma aliança com a imprensa e os sambistas, a prefeitura realizou propagandas em outros países para atrair

turistas para a capital do Brasil durante a festa popular. O apoio da imprensa foi fundamental para a divulgação dos eventos festivos e dos programas de governo de Pedro Ernesto.

Bibliografia

FERNANDES, Néelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados. Coleção Memória Carioca*. Vol. 03. Rio de Janeiro, 2001

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba no Rio de Janeiro*. Editora Lumiar, Rio de Janeiro, 1996.

SILVA, Marília T. Barbosa e SANTOS, Lygia. SILVA, Marília T. Barbosa e SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela. Traço de união entre duas culturas*. Edição Funarte, Rio de Janeiro, 1980.

SOIHET, Rachel. . *“A subversão pelo riso. Estudos sobre o carnaval carioca, da Belle époque ao tempo de Vargas”*. Segunda Edição, EDUFU, Minas Gerais, 2008.

MOURELLE, Thiago Cavaliere. *Trabalhismo de Pedro Ernesto: Limites e possibilidades no Rio de Janeiro dos anos 1930*. Editora Juruá, Curitiba, 2010.